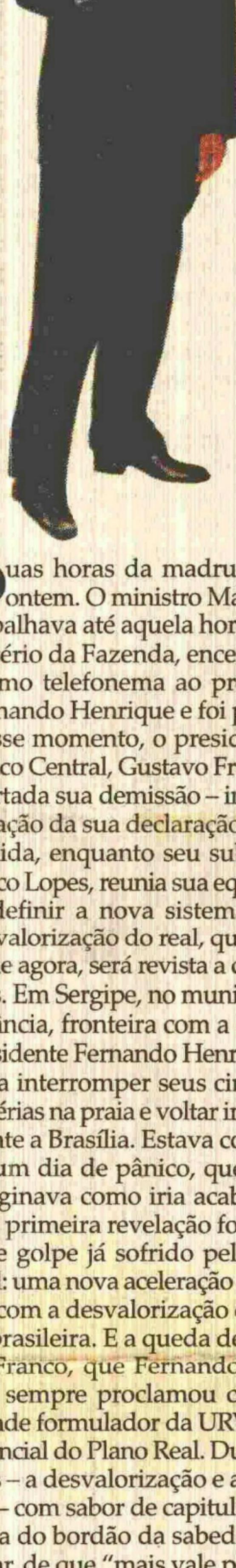


QUARTA-FEIRA, 13

O dia do pânico



Duas horas da madrugada de ontem. O ministro Malan, que trabalhava até aquela hora no Ministério da Fazenda, encerrou seu último telefonema ao presidente Fernando Henrique e foi pra casa. Nesse momento, o presidente do Banco Central, Gustavo Franco – já acertada sua demissão – iniciava a redação da sua declaração de despedida, enquanto seu substituto, Chico Lopes, reunia sua equipe para definir a nova sistemática de desvalorização do real, que, a partir de agora, será revista a cada três dias. Em Sergipe, no município de Estância, fronteira com a Bahia, o presidente Fernando Henrique decidia interromper seus cinco dias de férias na praia e voltar imediatamente a Brasília. Estava começando um dia de pânico, que não se imaginava como iria acabar, mas cuja primeira revelação foi o mais forte golpe já sofrido pelo Plano Real: uma nova aceleração do câmbio com a desvalorização da moeda brasileira. E a queda de Gustavo Franco, que Fernando Henrique sempre proclamou como “o grande formulador da URV”, peça essencial do Plano Real. Duas decisões – a desvalorização e a demissão – com sabor de capitulação, na linha do bordão da sabedoria popular, de que “mais vale perder os anéis que os dedos”.

Enquanto isso, os indicadores econômicos mantinham a tendência da véspera, a terça-feira negra. As bolsas caíam desabaldadamente e mesmo depois dos sinais (até o presidente Clinton falou apoiando o Brasil) terminaram apresentando quedas desastrosas no fim do dia: -1,32% em Nova Iorque a -10,37% em Buenos Aires, passando por 5,5% no Rio, e São Paulo, 5%. Os papéis da dívida brasileira (C-Bonds) caíam 7,8% e a fuga de dólares chegava a cerca de US\$ 1 bilhão. Um dia terrível, que podia ter sido pior, mas que só se avaliará – como disse ao **Jornal de Brasília** o ex-ministro Mendonça de Barros, lembrando sua experiência de 30 anos de mercado de capitais – “depois da reflexão do fim de semana”. Ou seja, na segunda-feira, dia 18. Mas, sem contar que Itamar Franco ameaça, hoje, às 10 da manhã, um novo ataque, com um discurso da assembléia da Cemig, em Belo Horizonte.

PÁGINAS 3, 4, 9, 10 e 12